

## A construção da tragédia da TAM pelas imagens do Jornal Nacional<sup>1</sup>

Ana Regina Teixeira da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem como finalidade analisar a relação entre as imagens de acontecimentos considerados trágicos e a construção do discurso da tragédia pelo telejornalismo. À luz da reflexão empreendida por Baudrillard (1999), no texto *Televisão/Revolução: O Caso Romênia*, e dos conceitos de acontecimento midiático, espetacularização e tragédia, o texto abordará trechos da cobertura do acidente da TAM pelo Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, nos dias 17 e 18 de julho de 2007. A análise é parte da pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB intitulada *O Sublime e o Trágico no Telejornal: O caso dos Jogos Pan-americanos e do acidente da TAM no Jornal Nacional*.

**Palavras-chave:** Imagem. Telejornalismo. Acontecimento. Tragédia. Discurso.

### 1 Televisão e cotidiano

A redução da fronteira entre o público e o privado, bem como as coberturas ao vivo são alguns exemplos que demonstram como a experiência televisiva modifica a nossa relação com noções do cotidiano como as dimensões de tempo e espaço, numa relação complexa: “as dimensões do próprio tempo confundem-se no tempo real”, afirma Baudrillard (1999, p. 147).

Assim, pela própria essência de nossa interação com a televisão e também pelo caráter polissêmico da linguagem do telejornalismo – o formato alia escrita (nos créditos, nas legendas); som (ambiente, texto falado, dentre outros recursos); e, destacadamente, a imagem (desde as reproduzidas em tempo real até os mais modernos infográficos) – podemos afirmar que a apresentação dos acontecimentos cotidianos por programas como o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, atua não apenas na apreensão, mas também na construção da realidade. Neste sentido, concordamos com Vizeu (2005, online), o qual defende que “os telejornais desempenham no Brasil um

---

<sup>1</sup> Trabalho final da disciplina Estudos Avançados em Mídia e Cotidiano, componente curricular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC-UFPB).

<sup>2</sup> Mestranda do PPGC da UFPB.

papel central no conhecimento do mundo”, funcionando “como uma forma de conhecimento do cotidiano”.

Mas, como os discursos produzidos pelos telejornais atuam na transformação dos acontecimentos do cotidiano em acontecimentos midiáticos? Esse é um dos questionamentos que norteiam nossa pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que abordará o tratamento conferido pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, a dois acontecimentos que marcaram o mês de julho de 2007: os Jogos Pan-americanos e o acidente com o Airbus A-320 da companhia aérea TAM.

A análise de imagens veiculadas em 14 edições do programa – entre os dias 13 e 28 de julho daquele ano<sup>3</sup>- constituirá uma parte do estudo, cujo objetivo geral é investigar como o telejornalismo reescreve os acontecimentos cotidianos, sob a perspectiva do espetáculo, oscilando entre uma representação sublime e trágica do real. Dado o caráter paradoxal dos acontecimentos em destaque na pesquisa e a ampla discussão teórica que geram, o presente artigo direciona sua abordagem apenas para o acidente com o avião da TAM.

## **2 Imagem televisiva e a representação do real**

Um dos elementos que determinam mais fortemente o potencial de noticiabilidade de um acontecimento pelo telejornalismo é, segundo o pesquisador João Canavilhas, a imagem. O autor chega a defender que, no âmbito da televisão, “uma boa história sem imagens não tem qualquer hipótese de ser noticiável” Canavilhas (2001, p. 4, online).

Segundo ele, a informação agregada às imagens que chegam ao telespectador pode oferecer, muitas vezes, uma imagem do mundo mais completa que aquela que o próprio poderia conseguir *in loco*, já que dificilmente conseguimos captar a totalidade do que ocorre a nossa volta. Partindo desse pressuposto, o autor acredita que essa

---

<sup>3</sup> Uma observação preliminar demonstrou que, nas edições escolhidas, os acontecimentos que são objetos do estudo têm maior evidência que outros fatos – o período compreende: a abertura dos Jogos (13/07), passando pela data do acidente (17/07) e seus desdobramentos nos dias seguintes, até a véspera do encerramento dos Jogos, quando o acidente também já tinha menor destaque.

possibilidade de *melhoria da realidade*, a partir da seleção de imagens operada no processo de edição, por si só proporciona a transformação da informação em espetáculo.

Neste sentido, também encontramos uma contribuição importante na postura crítica acerca do papel da televisão, adotada Baudrillard (1999). Conforme o autor, em sua pretensão de encenar a realidade como realidade, a TV acaba encenando ficção como ficção. Isto porque para Baudrillard, a imagem televisiva, ao contrário da fotográfica analógica que dispunha de um *negativo* como representação física do real, é destituída de referência e, portanto é da ordem do virtual, pois “só remete a si própria” (Baudrillard, 1999, p. 147). Assim, os acontecimentos midiáticos, representados a partir de tais imagens, seriam também virtuais, esvaziados em seu sentido histórico e social.

A perda do acontecimento real em função de sua representação midiática também é apontada na obra *O Discurso das Mídias*, na qual Charaudeau (2006) defende que os acontecimentos tratados pelos veículos de comunicação são sempre construídos, tendo em vista, sobretudo, seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade.

O autor aponta para a existência de três modos discursivos na construção do acontecimento midiático: *acontecimento relatado*, identificado pela notícia, que reúne fatos, ações e ditos; *acontecimento comentado*, que busca o porquê e o como, através de análise e opiniões especializadas; e *acontecimento provocado*, que constrói um debate público em torno do fato. Sobre este último, o autor lança um questionamento acerca do limite ético da ação da mídia, que corre o risco de “fazer da informação um objeto de espetáculo”. (CHARAUDEAU, 2006, p.191).

Aqui convém relembrarmos o conceito de espetáculo, que no sentido indicado por Debord (1997, p.14), define “uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”. O autor situa o conceito, historicamente, explicando que a partir do estabelecimento das modernas condições de produção o modelo da vida em sociedade se modificou, assumindo a forma do espetáculo e, deste modo, as experiências vividas diretamente foram esvaziadas em função de sua representação.

É importante destacar, no caso da atuação do telejornalismo em acontecimentos como o acidente com o avião da TAM ou no recente *Caso Isabela*, a opinião defendida por Charaudeau de que também a sociedade é co-responsável pelo espetáculo, já que ela também produz o espetáculo para ser mostrado na mídia, através dos mais diversos tipos de manifestação.

Um exemplo mais extremo dessa consciência que os diversos segmentos sociais têm de sua participação no espetáculo é a ação terrorista. Assim como outros pesquisadores, Wainberg (2005) acredita que sem a ação midiática não existiria terror, uma vez que estes atos são detalhadamente planejados para se tornarem acontecimentos midiáticos, a exemplo dos ataques às torres do World Trade Center, ocorridos em 11 de setembro de 2001.

### **3 O acidente e o conceito de tragédia**

O inesperado acidente com o avião da companhia aérea TAM, ocorrido em 17 de julho de 2007, às 18h48m, deslocou o foco do telejornalismo nacional, cujas atenções e estrutura estavam direcionadas para os Jogos Pan-americanos, realizados na cidade do Rio de Janeiro. A reação das emissoras de TV naquele momento e o modo como a cobertura do fato foi condicionada pela estrutura que já se havia montado para a competição poliesportiva é demonstrada abaixo:

O maior acidente da história da aviação brasileira pegou as TVs desprevenidas. Anteontem, todas tiveram que improvisar, apurando informações e editando seus telejornais ao vivo, enquanto eram exibidos. Mobilizadas para o Pan, as redes estavam desfalcadas em São Paulo. A Globo estava sem duas de suas estrelas, César Tralli e Ernesto Paglia, que ontem foram chamados de volta. (CASTRO apud MAGALHÃES, 2007, online)

O agendamento do acidente, em relação a outros acontecimentos como o Pan, revela como o elemento trágico - tanto nos relatos do jornalismo e da vida cotidiana como nas manifestações artísticas - influencia a nossa percepção da existência e, de uma forma geral, a construção dos imaginários das mais diversas culturas. Esse fascínio sobre a tragicidade, conforme Luna (2005, p. 19) “parece advir do mistério mesmo que o envolve”. É que, segundo a autora, além de conjugar aspectos como dor e sofrimento, o episódio trágico traz consigo um “componente de incongruência”, que desafia o pensamento lógico e racional.

A angústia gerada por acontecimentos inesperados, incompreensíveis, imerecidos, sobretudo, se são causadores de mortes como foi o acidente com o avião da TAM é, portanto, intrínseca à essência destes fatos que permeiam a existência humana.

Considerando a universalidade de tais sensações, não é de se estranhar o tratamento - na maioria das vezes - espetacularizado, conferido pela mídia a esses fenômenos que, até hoje, tentam ser explicados por doutrinas religiosas ou filosóficas.

O trágico continua a ser a angústia ocidental, patenteada na necessidade mesma de confrontá-lo que ainda alimenta a religião e a filosofia, além de outros saberes, sendo o poder dessa temática efetivo o bastante para garantir os mais altos índices de audiência em nossos meios de comunicação. Não por acaso, a “indústria” do trágico sempre se sustentou com muita facilidade. (LUNA, 2005, p.20)

Enquanto categoria estética, o trágico encontrou respaldo, especialmente, na literatura e no teatro, através do gênero da tragédia. Embora haja indícios da presença desse tipo de manifestação artística em outras culturas, foi na Grécia antiga que ele alcançou sua forma clássica. Um conceito importante para compreender a tragédia é o de mimeses, alvo de discussões na Grécia antiga, cujo foco era a relação entre o real e sua representação. Platão defendia, de acordo com Luna (2005, p.179), uma concepção idealizada do mundo e tinha uma aceção negativa de mimeses, enquanto imitação da natureza, um simulacro. Em Baudrillard (1999), esse termo é retomado para conceituar o rompimento total com a distinção entre o real e o virtual. No caso da televisão, a imagem não teria relação com qualquer realidade e o acontecimento real seria substituído por um duplo, que não é necessariamente uma cópia, mas uma versão midiática do fato.

### 3.1 As imagens no discurso da tragédia da TAM

No caso da cobertura jornalística ao acidente da TAM, é importante ressaltar que o discurso do JN, na noite do acontecimento (17/07/2007), aparentemente foi o da informação, ou seja, embora já se vislumbrasse a gravidade do acidente e se usasse o termo tragédia, ainda não se tinha detalhes sobre o acontecimento, nem o número oficial de vítimas – dado fundamental para a classificação de acidentes como esse no ranking dos maiores.

Tomando como exemplo, um trecho de 13m58s da cobertura ao vivo do acidente feita pelo telejornal, em 17/07/2007, observamos a predominância do elemento fogo, desde a imagem que ilustra o cenário do estúdio, no qual se encontrava o editor e âncora

do programa, William Bonner<sup>4</sup>. É importante lembrar que, conforme Kosminsky (2003, online), este tipo de composição de elementos gráficos, denominado no campo do telejornalismo como *selo*<sup>5</sup>, tem como objetivo reforçar ou complementar o que é falado pelo apresentador. Assim, no momento em que o âncora lê a cabeça da matéria, o cenário, cuja cor tradicional é o azul, se escurece para dar destaque a uma imagem do fogo, inicialmente em movimento, na qual se entrevê destroços da aeronave, caracterizada pela identificação do logotipo da empresa (pouco nítido). Baseados em Baudrillard (1999), podemos inferir que, além dos efeitos de sentido produzidos pelas cores e elementos em questão, este recurso transporta o próprio cenário do acidente ao estúdio.

Ainda neste trecho ao vivo, temos um primeiro link, de Congonhas, no qual há uma alternância entre imagens aéreas, que mostram o cenário e dão uma dimensão da gravidade do acidente (vários ângulos do incêndio no depósito de cargas com o qual o avião colidiu, imagens do aeroporto de Congonhas e da movimentada avenida Washington Luís, que o avião atravessou antes de invadir o prédio), já outras imagens em plano geral e médio dos veículos do Corpo de Bombeiros e da movimentação das equipes de combate às chamas e de resgate são narradas por um repórter em terra.

Nota-se que a busca pelos melhores ângulos do cenário do acontecimento reforça o relato dos repórteres e do âncora que, naquele momento, se esforçavam para descrever o local e as circunstâncias do acidente, o que era difícil de ser visualizado, uma vez que além da escuridão natural da noite, a energia elétrica na região do acontecimento foi cortada por motivos de segurança. Assim, os jornalistas descrevem as posições da pista do aeroporto e do prédio onde ocorreu a colisão, ao mesmo tempo em que levantam questionamentos sobre as causas do acidente e o possível número de vítimas, a partir da capacidade do avião que era de 170 passageiros.

Já o segundo link, traz informações do aeroporto internacional Salgado Filho, em Porto Alegre (local de partida do avião), com imagens do tumulto formado por parentes e amigos dos passageiros do voo em busca de informações sobre o acidente. Já um terceiro link, direto de Brasília, traz a perspectiva política do acontecimento. O repórter informa, tendo como cenário de fundo o Palácio do Planalto, que o presidente

<sup>4</sup> Baseado em vídeos de arquivo pessoal.

<sup>5</sup> O selo, no âmbito do telejornalismo, é apenas um dos produtos do design gráfico, que “compreende desde a cenografia, real e virtual - seus enquadramentos e iluminação - até o design gráfico propriamente dito (marcas, logotipos, selos, vinhetas), passando pelo design informacional (simulações, infográficos, bases para caracteres)”, (Kosminsky, 2003, online).

Luís Inácio Lula da Silva convocou ministros e assessores para uma reunião de emergência para discutir as providências a serem tomadas pelo Governo Federal. Após esse link, a transmissão volta a ser feita do estúdio, onde o âncora divulga o número telefônico do Serviço de Informações da TAM, que é exibido em uma espécie de banner gráfico ao lado da imagem de Bonner.

Por esta breve descrição, podemos usar a classificação de Charaudeau (2006) para identificar os primeiros trechos da cobertura ao vivo como *acontecimento relatado*, já que em todos os momentos as fontes de informação são as imagens e os próprios repórteres em sua busca por novas informações. Em outro trecho da cobertura ao vivo, percebemos ainda que, em sua tentativa de demonstrar com palavras como ocorreu o acidente, por conta da ausência de imagens que registrassem o momento da colisão, os repórteres buscam testemunhas:

*Repórter: Agora sim vamos assistir a uma testemunha ocular deste incêndio que teve agora pouco em São Paulo, essa entrevista foi gravada dentro do aeroporto de Congonhas, vamos ver a entrevista: Uma mulher com uma criança de colo, cujo nome não é identificado por crédito, conta: Aí, ele bateu, a roda dele bateu na frente do meu táxi. Meu táxi bateu, parou com tudo. E aí, ele bateu a asa no depósito da TAM. E aí, explodiu o avião, explodiu tudo. A gente saiu correndo, todo mundo saiu correndo.*

Vemos, em seguida, a valorização desse depoimento pelo âncora do programa que, mais uma vez, tenta esclarecer ao telespectador as condições em que se deu o acidente:

*(...) O avião da TAM, que partiu de Porto Alegre, foi tentar o pouso (...), chegou a tocar na pista, mas não conseguindo parar, o piloto tentou arremeter - é aquele procedimento de segurança em que o piloto tenta abortar o pouso, tenta por o avião para voar de novo, é “uma desistência de pouso”, digamos assim. Nesta desistência, o avião, aparentemente, não tinha tocado no solo da Avenida Washington Luís, o que explicaria não ter havido vítima, mas isso agora acaba de ser desmentido: temos uma testemunha que viu o avião tocar no chão e quase por um milagre não tocar no táxi em que ela estava, ela viu a roda do avião tocar na pista da avenida Washington Luís e depois se espatifar.*

A edição do JN no dia seguinte ao acidente (18/07), traz expressões que caracterizam o discurso da tragédia como *maior desastre da aviação brasileira* ( já havia a confirmação do número de mortos), *cenário do desastre*, além de referências à idéia de luto ao usar termos como *silencio respeitoso*. Uma reportagem de 03m11s

sobre a divulgação da lista oficial de passageiros do avião no aeroporto em Porto Alegre aproxima a tragédia do telespectador, através de imagens que mostram a angústia dos parentes das vítimas no aeroporto frente ao *tormento da desinformação*<sup>6</sup> e a confirmação da morte dos entes queridos, quando o *temor se transformou em desespero*<sup>7</sup>. Nas cenas de sofrimento dos familiares e amigos, notamos que o uso de recursos como o som ambiente e o close nos rostos em pranto destacam a dramaticidade do momento.

Os enquadramentos mais fechados, como o plano próximo ou *close*, comportam maior carga emocional, além de uma tensão maior, pois acionam elementos da dimensão patêmica do discurso, como a afetividade, fazendo com que o telespectador se identifique com os atores do enunciado. Múltiplas sensações são acionadas no telespectador. (DINIZ e ARAÚJO, 2005, Online)

Em outra matéria de 02m01s, a repórter narra a busca de informações no aeroporto de Congonhas. É realizada uma narração em off sobre as histórias de algumas vítimas enquanto suas fotografias são mostradas. Um dado interessante é que a maior parte das vítimas que são personagens desta matéria são adolescentes ou adultos jovens, o que reforça a conotação trágica do acontecimento, já que no imaginário coletivo os jovens estão no auge da vitalidade e têm todo um futuro pela frente.

É relevante analisar, na edição de 18 de julho, o deslocamento do âncora do JN para as proximidades do local do acidente, de onde foram anunciadas todas as notícias sobre o caso, até a edição de 20 de julho. Acreditamos que a presença de Bonner, em Congonhas, não apenas transmite a impressão de realidade, mas transforma o local do acontecimento em cenário, um prolongamento do estúdio de TV, ou do “não-lugar do acontecimento” como afirma Baudrillard (1999, p. 148).

### 3.2 Os infográficos como dado real do acontecimento

A representação visual das ações relacionadas ao acontecimento por meio do uso de infográficos<sup>8</sup> é outro elemento que merece destaque nesta edição (18/07/2007). Como indicam Machado e Pereira (2003, online), esse recurso é usado para fins de

<sup>6</sup> Fragmento da cabeça da matéria lida pelo âncora do JN.

<sup>7</sup> Idem 6.

<sup>8</sup> Sobre o uso deste recurso, Machado (2003, online) afirma que “quando o assunto é infográfico como design de comunicação no jornalismo, o primeiro ponto a destacar é que tipo de notícia ele está apto a modelizar. A questão é: toda notícia pode adquirir design de infográfico? (...) Observamos que em geral o infográfico é empregado para comunicar notícias que um texto ou uma foto não conseguiriam realizar com eficiência”.

*localização*, em uma matéria que trata da investigação das caixas pretas, onde o infográfico demonstra, através de mapas, o deslocamento das caixas de São Paulo até os Estados Unidos. Temos também o uso do infográfico numa tentativa de *investigação* das causas do acidente, no qual são demonstradas com detalhes duas possibilidades levantadas por peritos da aeronáutica. Assim, esta e outras matérias veiculadas na mesma data já podem ser configuradas como *acontecimento comentado*, conforme Charaudeau (2006), uma vez que buscam o porquê e o como da notícia, por meio de opiniões de especialistas

O infográfico que abordaremos mais detalhadamente é o que busca reproduzir uma espécie de roteiro do acidente, a partir das informações oficiais. Ele traz uma primeira imagem, que representa o ponto de vista dos pilotos ao decolar no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Da cabine do avião, vê-se a pista à frente e, na parte inferior da tela, informações escritas sobre o vôo: *a logomarca da empresa* no canto esquerdo, ao lado desta, a identificação do vôo *JJ 3054*, em seguida, o local de partida, *Porto Alegre (POA)*, e, no canto inferior direito, o horário *17:16*. A essa ilustração, segue-se outra imagem virtual aérea - um mapa do Brasil, indicando o local de partida e o destino, interligados por uma linha curva e pontilhada, que descreve o percurso da aeronave.

Enquanto a narração em off dá detalhes do horário de chegada e número de pessoas na aeronave, a chegada do avião à Congonhas é demonstrada a partir de vários ângulos até à manobra do avião, que voa baixo sobre a avenida, chocando-se contra o prédio da TAM Express e explodindo. Em seguida, outro pequeno infográfico destaca as marcas das rodas da aeronave no gramado ao lado da pista de pouso, demonstrando a manobra realizada pelo piloto.

Observamos que a matéria prossegue, usando depoimentos da testemunha ocular do acidente – a mesma entrevistada na noite do acidente, cuja fala transcrevemos acima no tópico de 3.1 – que então é identificada como a atriz Maria Macário, além de outras duas pessoas que presenciaram o acontecimento. Pode-se dizer que essas testemunhas saem do centro da narrativa, como ocorreu na cobertura logo após o fato, para reforçar as imagens dos infográficos que demonstraram de uma forma detalhada a seqüência de ações que culminou com o acidente. A reconstituição do acontecimento via infográfico é, deste modo, tratada como dado real.

#### 4 Considerações finais

A análise traçada acima buscou reunir alguns dos conceitos teóricos básicos para introduzir uma reflexão sobre as relações entre as imagens de um acontecimento de natureza trágica e o tratamento a ele conferido pelo telejornalismo. Acreditamos que, no objeto analisado, se verifica o uso da imagem-vídeo como prova do acontecimento real, conforme indicou Baudrillard (1999), o que reforça a idéia de virtualidade do acontecimento.

Neste sentido, até que ponto pode-se afirmar que o uso de recursos como infográficos, por exemplo, nos aproxima ou distancia do fato real, neste contexto? É um questionamento que merece uma observação mais aprofundada. A hipótese levantada por Torres (2004, online) de que a televisão tende a transformar os fatos trágicos em uma espécie de *reality tragedy*, marcada pelo apelo emocional, também deverá ser verificada em futuras análises, visto que, como dissemos, este é um estudo em andamento e, portanto, ainda há muito para ser discutido sobre o assunto.

#### Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Televisão/Revolução: o caso Romênia**. In: PARENTE, Andre (org.) *Imagem-Máquina : a era das tecnologias do virtual*. 3.ed. Rio de Janeiro : Ed.34, 1999.

CANAVILHAS, João. **Televisão: o domínio da informação-espectáculo**. In: BOCC, 2001. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espetaculo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espetaculo.pdf). Acesso em 14 de setembro de 2008.

CASTRO, Daniel apud MAGALHÃES, Luís Antônio. **Acidente aéreo pega redes desfalcadas, mas dá ibope**. Folha de São Paulo, 19/07/2007. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=442ASP015>> Acesso em: 22 de junho de 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. - São Paulo: Contexto, 2006.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Revisão: César Benjamin. Rio de Janeiro. Contraponto, 1997.

DINIZ, Maria L.V.P. e ARAÚJO, Juliano J. de. **Telejornal: a construção da notícia no texto sincrético**. Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol. 3, n.2, dezembro de 2005.

Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos/V3n2/CASA2005-v3n2-Art-Araujo-Diniz.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2008.

KOSMINSKY, Doris. **Design e criação digital nos selos do Jornal Nacional**. Disponível em [http://cumincades.scix.net/data/works/att/sigradi2003\\_003.content.pdf](http://cumincades.scix.net/data/works/att/sigradi2003_003.content.pdf) . Acesso em 13 de setembro de 2008.

LUNA, Sandra. **Arqueologia da ação trágica: o legado grego**. João Pessoa: Idéia, 2005.

MACHADO, Irene e PEREIRA, Mirna F. **Design da Comunicação no Jornalismo de Guerra**. In: Intercom, 2003. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/nucleos\\_NP15.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/nucleos_NP15.htm) - 49k. Acesso em 13 de setembro de 2008.

TORRES, Eduardo Cintra. **Identificando um gênero: a tragédia televisiva**. In: Bocc, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/torres-eduardo-cintra-identificando-um-genero-a-tragedia-televisiva.pdf>> Acesso em: 03 de julho de 2008.

VIZEU, Alfredo. Dissertação. **Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano**. Disponível em [www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc](http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2005/alfredovizeu2005.doc). Acesso em 03 de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Dissertação. In Bocc, 2002. Disponível em <[http://bocc.unisinos.br/\\_esp/autor.php?codautor=718](http://bocc.unisinos.br/_esp/autor.php?codautor=718)> Acesso em: 30 de Janeiro de 2008.

WAINBERG, Jacques A. **Mídia e Terror: Comunicação e Violência Política**. São Paulo: Paulos, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. Ed. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo.- Porto: Presença, 1995.